

Durante toda aquela noite, os pais ficaram de vigília por seu filho, com as vidas suspensas por um fio invisível de horror e de esperança

«Desculpe, Moscou não responde»

MORT WEISINGER

UMA AMENA noite de verão estava chegando ao fim em nossa casa, nos arredores de Nova York. Minha mulher e eu nos instalamos confortavelmente na sala, esperando para ver o que se passava no mundo, pelo telejornal das dez horas, mas não conseguimos ouvir mais do que a primeira notícia:

Fontes não oficiais divulgaram esta tarde um sério acidente no aeroporto de Vnukovo, em Moscou. Um avião soviético, lotado de passageiros que retornavam de Sochi, no litoral do Mar Negro, conhecida como a Riviera russa, incendiou-se durante o pouso. Acredita-se que muitos turistas, inclusive norte-americanos, estavam entre os passageiros.

Meu coração quase parou. Nosso filho Hank, de 21 anos, estava na União Soviética, integrando um grupo numa excursão de 16 dias.

Já no meio da notícia, Thelma apertara minha mão. Quando o locutor terminou, ela correu ao quarto de Hank sem dizer palavra. Fui atrás dela e vi-a à escrivaninha do nosso filho, estudando o seu itinerário:

Segunda-feira. Excursão a Sochi, porto subtropical visitado anualmente por 100 mil turistas.

Terça-feira. Excursão a uma fazenda coletiva. Chegada ao aeroporto de Sochi às 5:30 da tarde, a fim de pegar avião para Moscou.

Thelma deixou-se cair na cadeira de Hank. Ficou olhando para mim — completamente pálida. «O grupo da excursão de Hank poderia estar naquele avião», disse. «Como conseguiríamos descobrir?»

Sim, como? Sentindo-me mal, tentei pensar em alguma coisa. «Vou telefonar para a agência de viagens», concluí. Naturalmente, ninguém atendeu o telefone. A agência já tinha encerrado o expediente havia horas.

Em seguida, telefonei para a emissora de televisão a fim de saber se poderiam acrescentar alguma coisa ao noticiário sobre o acidente em Moscou. Nada. Eles tinham lido o texto completo do despacho da UPI. Sugeriram-me que tentasse obter informações na própria agência UPI.

Quando telefonei para lá, o funcionário que me atendeu disse que não tinha outras informações e que não fazia idéia sobre quem seriam as «fontes não oficiais». Assim que lhe expliquei por que estava telefonando, ele amavelmente acrescentou que, normalmente, os soviéticos não divulgam detalhes sobre os seus acidentes de aviação, a não ser quando há estrangeiros a bordo – e, mesmo assim, nunca antes de 24 horas. Aconselhou-me a ter paciência.

Thelma estava sentada com as mãos no colo, parecendo arrasada. Repeti-lhe o que me tinham dito. Depois de um momento, ela desabafou: «Quer dizer que só vamos saber daqui a 24 horas?» Tentei imaginar outras 24 horas nos sentindo daquela maneira.

Recordei-me da noite em que havíamos levado Hank ao aeroporto. Ele acabara de completar seu curso na universidade, e aquela viagem à União Soviética era uma mistura de presente de formatura e de aniversário. Vimos quando ele subiu ao avião fretado para Copenhague, de onde passaria para um avião soviético com destino a Leningrado. Pensando nisso, lembrei-me de que a Pan American era a única companhia aérea norte-americana com permissão para voar até a União Soviética.

Eram quase 11 horas e, antes de tentar a Pan Am, decidimos aguardar o outro noticiário da televisão; talvez tivessem mais informações. Experimentando nervosamente os diversos canais, conseguimos apenas apanhar fragmentos daquele mesmo boletim da UPI.

Então, em poucos minutos, o telefone começou a tocar. Eram amigos, parentes e vizinhos, perguntando: «Vocês ouviram...?» «Sabem mais alguma coisa...?» O telefone tocava assim que eu o punha no gancho.

Finalmente, consegui ligar para o Departamento de Operações da Pan Am. Mais uma vez, comecei a dar explicações a um estranho. Ele foi muito gentil, compreendendo o impacto daquilo que se sentia obrigado a me dizer. A equipe da Pan Am no aeroporto internacional de Moscou tinha, de fato, informado sobre um acidente em Vnukovo, perto dali. Só sabiam isso, mais nada.

Resumi a conversa para Thelma. Ela começou a chorar e, entre lágrimas, sugeriu: «Por que não telefona para o Departamento de Estado, em Washington?» Mas, como se telefona para um lugar desses às 11:45 da noite?

Conhecíamos alguém em Washington – um antigo vizinho que fora trabalhar numa agência governamental havia uns dois anos; ele saberia o que fazer. Chamei Informações e a telefonista descobriu o seu número de casa. Ele mesmo atendeu o telefone, e, realmente, sabia o que fazer. O Departamento de Estado mantinha um Escritório de Serviço Consular, onde um funcionário ficava de plantão.

Poucos minutos depois, eu estava falando com esse funcionário. Ele parecia confiante, tendo já passado por inúmeras emergências como aquela, e deu-me o número da embaixada norte-americana em Moscou. Quando desliguei, disse a Thelma que o *suspense* logo terminaria, mas, ao dizer isso, eu estava mais apreensivo do que nunca.

Era quase meia-noite e meia; portanto, 7:30 da manhã em Moscou. Seria possível que também a embaixada tivesse funcionários de serviço 24 horas por dia?

Quando disquei o número da telefonista, ela me transferiu ao serviço internacional da companhia telefônica. Tenho visto milhares de filmes em que as chamadas internacionais são feitas com a maior facilidade, mas passou-se quase meia hora antes que a telefonista chamasse de novo. Com a entonação fria de uma fita gravada, ela me informou de que estavam tendo algumas dificuldades naquela ligação para Moscou.

«Por favor», interrompi angustiada. «Por favor, escute...» Mais uma vez, a penosa história saiu aos borbotões. Quando terminei, era um amável e compreensivo ser humano que falava comigo. Ela ficaria com a chamada e tentaria completá-la o mais depressa possível.

Houve, no entanto, uma espera maior ainda, até o momento em que ela chamou outra vez. «Desculpe», disse a telefonista. «Moscou não responde.» Não sabia a que atribuir aquilo; talvez algum defeito nos cabos, ou na recepção em Moscou.

Contudo, ela tinha alguma esperança a me oferecer. Estava certa de que não acontecera nada. Disse que era de Gêmeos, e que as pessoas deste signo são muito intuitivas nesses assuntos...

Thelma mal conseguia ouvir o que eu lhe explicava. Limitava-se a me olhar e balançar a cabeça. Finalmente disse: «Fui *eu* quem sugeriu a viagem.»

Passou-se mais uma hora e, então, a garota de Gêmeos chamou de novo, com uma voz que procurava aparentar otimismo. «Moscou ainda não responde. Estamos tentando ligar através de Londres e Paris, mas também não tem funcionado. Os operadores dessas duas cidades nos disseram que não ouviram nada sobre um possível acidente em Moscou.» Como eu odiava ter de lhe contar o que sabia.

«Bem, vamos continuar tentando», respondeu ela tristemente.

Eram quase três da manhã. Nossas vidas pareciam suspensas por um fio telefônico. Uma vez ou duas, ligamos o rádio para ouvir algum noticiário, mas só conseguimos pegar repetições daquele primeiro boletim.

Dormir estava fora de cogitação; éramos como sentinelas de plantão. Thelma, com os olhos vermelhos e inchados, não se levantava da cadeira de Hank. Fui várias vezes à cozinha para lhe fazer café, mas ela parecia sentir que, se se erguesse da cadeira, alguma espécie de elo invisível poderia partir-se; no entanto, tudo naquele quarto nos fazia lembrar Hank.

Pensei na maneira diligente como nosso filho se preparara para a via-

gem. Ele tinha lido muito sobre a União Soviética e decorado palavras e expressões russas através de um dicionário fonético e de um linguafone que pedira emprestado. Os discos estavam ali em seu quarto; eu me encarregaria de devolvê-los. Quando a luz do dia entrou pela janela, dei-me conta de que, embora conscientemente nunca tivesse perdido a esperança, meu cérebro já estava fazendo planos para o pior.

Um pouco depois das seis, a garota de Gêmeos telefonou, e anunciou jubilante: «Finalmente a sua chamada!» A voz na embaixada norte-americana em Moscou parecia a de uma mulher jovem. Perguntei freneticamente: «Houve algum acidente no aeroporto de Vnukovo?»

«Sim.»

Meu coração se acelerou. «Havia norte-americanos a bordo?»

Thelma já não estava no quarto. Tinha saído no momento em que a ligação fora completada.

«Não, não havia nenhum norte-americano a bordo.»

Explodi em lágrimas. Quando recuperei minha compostura, disse à mulher da embaixada que temia que meu filho pudesse estar naquele avião.

«Qual é o nome dele?», perguntou ela.

«Hank Weisinger», respondi. Aquilo me fez suspeitar. «Se não havia norte-americanos no avião, para que quer saber o nome dele?»

«Porque eu posso lhe dizer em que avião ele se achava. Espere um mi-

nuto.» Daí a pouco, estava de volta. «Sim, sua excursão foi registrada na embaixada. Ele viajava no avião seguinte, que pousou na hora marcada. Fico muito feliz por saber que não aconteceu nada a seu filho.»

Corri para Thelma. Abraçamo-nos e nos beijamos, chorando. Poucos minutos depois, o telefone chamou outra vez. Pensei que fosse a garota de Gêmeos. «Muito obrigado por tudo», disse-lhe. «Conseguimos falar com Moscou.»

«Eu sei, mas, e o seu filho... tudo bem?»

«Tudo bem», informei. «Ele não estava naquele avião.» Então, percebi que, afinal, não era a garota de Gêmeos. «Você não é a telefonista que estava me atendendo ontem, pois não? A que disse que era do signo de Gêmeos?»

«Não, senhor. Essa já saiu, mas todas nós estávamos sabendo do seu caso. Estivemos rezando para que nada de mau sucedesse a seu filho.»

THELMA e eu nós sentamos na cozinha, demasiado felizes para poder falar. O sol tomou conta da casa e a tranqüilidade foi restaurada em nosso pequeno mundo. No entanto, nossos pensamentos continuavam em outro continente. Pouco depois, o aeroporto de Vnukovo estaria anunciando o acidente e, em toda a União Soviética, pais e telefonistas se chamariam uns aos outros, ligados por uma cadeia invisível de horror e esperança, aguardando notícias de Moscou.

